
Violência policial e discursos midiáticos: impactos na sensação de insegurança de alunos da UERJ¹

Paula Barreiro Moutinho dos Santos²

Leda Maria da Costa³

Ronaldo George Helal⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Este trabalho articula uma pesquisa sobre dinâmicas de acesso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dados do Observatório Social do Futebol sobre violências no futebol brasileiro e uma análise de reportagens de veículos de comunicação sobre episódios de violência envolvendo torcidas e forças de segurança. A partir dos resultados do *survey UERJ - Acessibilidade em dias de jogo no Maracanã*, notamos o impacto da atuação policial na sensação de insegurança de discentes do turno noturno. Por meio de uma análise interdisciplinar entre Comunicação e Ciências Sociais, discutimos como os discursos midiáticos contribuem para a legitimação da violência policial ao naturalizar práticas violentas contra torcedores. Concluimos que a ausência de questionamento sobre a violência policial pode influenciar a agenda de políticas públicas de segurança e manter o cenário de insegurança que afeta os discentes da UERJ em dias de jogos no Maracanã.

Palavras-chave: Violência policial; discursos midiáticos; sensação de insegurança, UERJ

Introdução

O Campus Maracanã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) se localiza na zona norte da cidade. A instituição dispõe de sete portões de acesso, localizados nas ruas São Francisco Xavier, Radialista Waldir Amaral e na Avenida Rei Pelé (antiga Radial Oeste). A UERJ é amplamente acessível por diferentes meios de transporte público, como ônibus, trem e metrô. Próximo à universidade, a aproximadamente 500 metros de distância, encontra-se também o Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, uma das principais arenas esportivas da cidade.

O estádio, que abriga os principais jogos de futebol dos clubes Flamengo e Fluminense, recebe milhares de torcedores ao longo do ano, principalmente durante

¹Trabalho apresentado no GT Comunicação e Esporte, do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda em Ciências Sociais na UERJ, Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

³ Professora Adjunta da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Coordenadora do Observatório Social do Futebol

⁴ Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e Coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte

competições como o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e a Copa Conmebol Libertadores. Assim como a comunidade acadêmica da UERJ, esses torcedores utilizam os mesmos transportes públicos e circulam por ruas adjacentes à Universidade. Essa localização, embora facilite o acesso em dias comuns, se torna um ponto de tensão nos dias de jogos, devido ao aumento significativo de fluxo de pessoas e da presença policial na região.

Considerando a quantidade de partidas futebolísticas realizadas em dias de semana e a oferta de cursos no período noturno da UERJ, em junho de 2023, foi realizada uma pesquisa com discentes do referido turno para identificar e descrever as dificuldades de acesso ao Campus em dias de jogo no Maracanã. O turno noturno da UERJ ocorre das 18h às 22h, e é contemplado por uma ampla oferta de cursos, proporcionando aos discentes que trabalham durante o dia o acesso à educação superior. O *survey UERJ - Acessibilidade em dias de jogo no Maracanã*⁵ foi aplicado via *Google Forms*, e 203 discentes de diferentes cursos participaram. Por intermédio desse formulário, foi possível identificar diversas nuances das dinâmicas que permeiam a Universidade em dias de jogo, como questões relacionadas à mobilidade urbana e à segurança, e, também, constatar que essas dinâmicas prejudicam o pleno funcionamento das aulas da graduação.

Para este trabalho daremos enfoque à questão da segurança. Foi possível notar que apesar do policiamento ser ampliado nas imediações do referido estádio em dias de jogo, inclusive contando com o Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios (BEPE)⁶, 71,9% dos participantes disseram não se sentir seguros nos arredores da Universidade em dias de jogo no Maracanã. O caráter quantitativo e descritivo da pesquisa não permitiu maior aprofundamento sobre os fatores que causam essa sensação de insegurança nos alunos em dias de jogos.

⁵ Essa pesquisa foi desenvolvida como trabalho final de uma disciplina do curso de Ciências Sociais, intitulada “Fundamentos Quantitativos das Ciências Sociais”, que objetiva familiarizar os alunos com as metodologias de pesquisa quantitativas e desenvolver projetos de temas relevantes dentro da Universidade.

⁶ O Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios (BEPE) é uma unidade da Polícia Militar do Rio de Janeiro voltada para a segurança de grandes eventos esportivos na cidade, especialmente às partidas de futebol. Não são todos os estados do Brasil que possuem esse segmento da Polícia Militar especializado em eventos esportivos.

De acordo com o *Relatório das Violências no Futebol Brasileiro*⁷ feito pelo Observatório Social do Futebol, as maiores ocorrências de violência relacionada ao futebol em 2023 foram derivadas de confrontos entre torcedores de times diferentes e entre torcedores e forças de segurança. Além disso, 37% dos casos de violência ocorreram no entorno de estádios e 74% em dias de jogo. Ao se aprofundar sobre as violências na cidade do Rio de Janeiro, o relatório indica 38 ocorrências no Estado, sendo 30 fora dos estádios. Dentre esses casos, destaca-se uma morte provocada por arma de fogo, vindo de um policial, em um bar próximo ao Maracanã. O Observatório também disponibilizou o *Mapa das Violências no Futebol no Rio de Janeiro*, um infográfico interativo onde é possível observar as dimensões geográficas do fenômeno na cidade, a partir de filtros que permitem identificar os agentes envolvidos e se o confronto foi letal ou não. Portanto, a partir desses dados é possível levantarmos a hipótese de que estes dois fatores, torcidas e forças de segurança, podem ser determinantes para a sensação de insegurança relatada pelos alunos como mostram os dados do *survey* acima mencionados.

Figura 1: Captura de tela do Mapa das Violências no Futebol do Rio de Janeiro



Fonte: Observatório Social do Futebol⁸

⁷ O Relatório Violências no Futebol Brasileiro quantificou, categorizou e mapeou os casos de violências físicas relacionados ao futebol masculino e profissional no ano de 2023 retratados pela mídia e foi publicado pelo Observatório Social do Futebol em 2024. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/2024/11/06/violencias-no-futebol-brasileiro-relatorio-do-observatorio-social-do-futebol-no1/>. Acesso em 12/06/2025

⁸ Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/2024/10/14/mapa-das-violencias-no-futebol-do-rio-de-janeiro-2024/>. Acesso em 12/06/2025

Na captura de tela, é possível notar que a maioria dos casos ocorridos no Maracanã ou no entorno do estádio são derivados de confrontos entre torcedores e forças de segurança, constando inclusive o caso de morte previamente citado⁹.

Esses dados nos ajudam a entender o resultado do *survey UERJ - Acessibilidade em dias de jogo no Maracanã* no que diz respeito à pergunta sobre a sensação em relação ao policiamento, em dias de jogo no Maracanã. Entre as opções “menos seguro”, “nem mais, nem menos seguro” e “mais seguro”, a última foi a que teve menos votos, com 16,7%. Portanto, mesmo com uma maior presença de policiamento nos arredores da UERJ e do Estádio Mário Filho, em dia de jogo, 83,3% afirmam não se sentirem mais seguros.

Os confrontos entre torcidas e policiais evidenciam um processo de militarização dos espaços públicos. Esse processo se manifesta tanto pela forte presença policial quanto pelo uso de equipamentos de controle, como bombas de gás lacrimogêneo, gás de pimenta, cassetetes e balas de borracha. Esses instrumentos são oficialmente denominados como armas de menor potencial ofensivo. A atuação da polícia no contexto futebolístico é pautada por uma lógica de enfrentamento, onde torcedores são tratados como uma potencial ameaça. As ações policiais são realizadas não apenas dentro dos estádios, mas também em vias públicas, impactando também além de torcedores, pessoas que circulam por essas vias, como os alunos da UERJ.

A partir do levantamento de reportagens dos portais GE, G1 e UOL, podemos ler nas matérias um grande volume de casos em que há violência entre torcedores de times diferentes e entre torcedores e forças de segurança, e as formas de enfrentamento são detalhadas para ambos os casos, como: arremesso de cadeiras, depredação de patrimônio público, uso de bombas de gás lacrimogêneo, cassetetes e gás de pimenta. Porém, em todos os casos, a responsabilidade pelos atos violentos é atribuída apenas às torcidas, enquanto as ocorrências de repressão policial são geralmente narradas como uma intervenção necessária para conter a violência dos torcedores.

Neste trabalho, a partir da interdisciplinaridade entre as Ciências Sociais e a Comunicação, faremos um breve levantamento da cobertura de casos de violência no futebol, no Brasil, feitos por importantes portais de notícias do país. Objetivamos

⁹ Os casos envolvendo apenas torcedores são representados por uma imagem de mão fechada, formando um soco. Os confrontos entre torcedores e forças de segurança, por um distintivo. Já os casos letais, são representados por uma seta vermelha, e os não letais, por uma seta amarela.

analisar de que modo os referidos veículos de comunicação relatam a atuação das forças de segurança em situações de confronto com torcedores. Partimos da hipótese de que a cobertura midiática naturaliza e legitima a violência policial.

Ocorrências de violência policial nos portais de notícia

De acordo com Weber, o Estado é a instituição que detém o monopólio legítimo da violência dentro de um determinado território. O autor afirma que:

Existe, por fim, a autoridade que se impõe em razão da ‘legalidade’, em razão da crença na validade de um estatuto legal e de uma ‘competência’ positiva, fundada em regras racionalmente estabelecidas ou, em outros termos, a autoridade fundada na obediência, que reconhece obrigações conformes ao estatuto estabelecido. Tal é o poder, como o exerce o ‘servidor do Estado’ em nossos dias e como exercem todos os detentores do poder que dele se aproximam sobre esse aspecto (Weber, 1919, p. 57 e 58).

Portanto, a Polícia Militar, como uma representação da força do Estado, exerce o uso legítimo dessa força dentro de diversos contextos, e essa legitimidade também se fortifica na crença de que a polícia atua dentro da lei e com competência. Não obstante, essa legitimidade permite que a polícia tenha acesso a instrumentos de coerção, ou armas de menor potencial ofensivo, como spray de pimenta, balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes.

A partir do conceito de estigma proposto por Goffman (1988), é possível compreender como certos grupos sociais são socialmente marcados por atributos considerados negativos, neste caso, as torcidas - sobretudo as organizadas - são previamente rotuladas como violentas e causadoras da desordem. Essa categorização contribui para justificar intervenções repressivas, independentemente do comportamento desses grupos. Assim, essa estigmatização também é um dos fatores que legitimam a atuação violenta da Polícia Militar. O discurso midiático tem papel importante no processo de estigmatização das torcidas no Brasil como mostrado por relevantes pesquisas a respeito do tema (Toledo, 1996; Reis, 2006, 2015; Hollanda, 2009)

De acordo com Gitlin (1980), enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso através de práticas específicas - como seleção, ênfase ou exclusão de determinadas informações - que acabam por construir uma determinada

interpretação dos fatos. No que diz respeito à cobertura midiática de casos de violência no futebol é notável a tendência de não se levantar questionamentos em relação às ações policiais contra as torcidas. Essas ações, muitas vezes, se fundamentam em uma política de gestão repressiva que tem se mostrado pouco eficaz e que frequentemente promove o acirramento de confrontos cujas consequências podem ser graves. Na matéria publicada pelo GE, no dia 08/08/2023 conta na manchete que “Policiais fazem disparo contra torcida do Argentinos Juniors no Maracanã”. No decorrer do conteúdo, é disponibilizado um link por intermédio do qual podemos acessar imagens que “mostram policiais militares do BEPE chegando ao setor e dispersando os torcedores argentinos com golpes de cassetete e tiros de borracha disparados à queima-roupa.”¹⁰ Prosseguindo na mesma matéria: “Em outro vídeo, é possível ver um torcedor sendo golpeado, ao mesmo tempo, por três policiais, sem conseguir reagir ou demonstrar resistência”

A descrição dos enfrentamentos e a possibilidade de acessar vídeos com as cenas de confronto compõem uma narrativa jornalística que busca a espetacularização do cotidiano (Bourdieu, 1997, Gabler, 1999; Schudson, 2003) sobretudo no que diz respeito a casos de violência (Lacerda, 2024). A produção de notícias não é derivada da reprodução da realidade, mas sim, de um processo narrativo que implica seleção dos fatos, situados no tempo e no espaço, organizados em uma sequência que lhes confere sentido. Recorrendo à noção de *frame* de Goffman, Tuchman (1999) entende que o jornalismo é composto por narrativas que oferecem “definições da realidade social” (1999, p.261). Em relação ao objeto deste artigo cabe ressaltar que a forma como a violência policial em confrontos com torcedores é narrada pode influenciar a percepção pública sobre esse acontecimento e consequentemente as políticas públicas voltadas para o enfrentamento do problema.

O tipo de política de controle de violência no futebol, não somente no Brasil, mas em diversas partes da Europa, tem se mostrado como fatores não somente insuficientes como também agravantes do fenômeno (Tsoukala, 2014). O discurso de grande parte da mídia no Brasil que naturaliza - sem questionar - as ações do policiamento em estádios e reforça os estereótipos em torno das torcidas contribui para a manutenção de um tipo de gestão de segurança que desconsidera outras alternativas

¹⁰ Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2023/08/08/policiais-fazem-disparo-contratorcedores-do-argentinos-juniors-durante-jogo-com-fluminense-no-maracana.ghhtml>

fundamentadas não somente na repressão, mas na necessidade fundamental do diálogo e da prevenção.

Embora seja reportado o uso de bombas de gás lacrimogêneo, gás de pimenta e balas de borracha, esse tipo de recurso é concebido como uma reação necessária - e muitas vezes requerida - para promover a instauração da ordem. Expressões como “precisou intervir”, “conter”, “foi acionada”, “evitou”, “dispersar o tumulto” são constantemente utilizadas, o que demonstra que, no enquadramento da notícia, a atuação da polícia é sempre colocada como uma resposta legítima aos atos violentos de torcedores, como um agente restaurador da ordem social e não como mais um agente de violência dentro dessa dinâmica. Além disso, as ações dos torcedores costumam ser detalhadas, enquanto a da polícia é brevemente mencionada, e não questionada.

As reportagens analisadas se referem ao ano de 2024, exceto uma que menciona a paralisação de uma partida devido ao gás de pimenta, que foi em 2025. Essa matéria foi selecionada para nossa análise pois conta com alguns pontos importantes que devem ser citados neste trabalho. O título da reportagem é “Flamengo e Botafogo ficam no 0 a 0 e freiam reação no Campeonato Brasileiro”, foi publicada pelo portal UOL e tem foco nos acontecimentos em torno daquela partida. A ocorrência de violência é brevemente mencionada:

O jogo foi paralisado aos 17 minutos do segundo tempo por conta de gás de pimenta que incomodou os jogadores em campo. Ele veio do lado de fora do estádio. Ocorreram princípios de confusão na rua São Francisco Xavier e também em frente a entrada do Setor Sul, quando a PM dispersou os botafoguenses com bombas de efeito moral e balas de borracha (Portal UOL, 2025)

O tipo de abordagem para o uso de gás de pimenta (e os outros instrumentos de repressão policial) demonstra um esforço de minimizar a responsabilidade do BEPE pelos impactos dessas ações. O texto não informa quem de fato disparou o gás que interrompeu a partida e não há maior detalhamento sobre a dinâmica da confusão citada. A responsabilidade da Polícia Militar é atenuada pela expressão “A PM dispersou os botafoguenses com bombas de efeito moral e balas de borracha” (Portal UOL, 2025), desconsiderando tratar-se de uma ação violenta e dando legitimidade para esse tipo de atuação.

O uso do termo “bomba de efeito moral” por essa reportagem e por outros veículos de comunicação também merece ser alvo de questionamento, pois sustenta a

narrativa de que o uso desse instrumento tem de fato algum efeito moral, que permita a manutenção de uma certa ordem social e que impede a propagação da desordem, além de mascarar os efeitos físicos causados por esse tipo de armamento. A inalação do gás lacrimogêneo pode causar pânico, tosse, irritação nos olhos e vias respiratórias. Além disso, em indivíduos com condições preexistentes (como a asma ou alergias), esses efeitos podem evoluir para quadros respiratórios graves que exigem internação hospitalar.¹¹

Hackett (1999) defende que o conteúdo midiático pode exercer uma função política e ideológica relevante não só pela presença ou ausência de “objetividade” e/ou “imparcialidade”, mas também quando ele é produzido a partir de uma matriz ideológica limitada. Ou seja, no caso das matérias analisadas, essa matriz ideológica limitada se manifesta na forma como a violência policial é naturalizada e raramente questionada. Os referidos portais promovem um enquadramento dos fatos narrados, tomando-os como uma ação legítima de controle, enquanto a torcida é retratada como fonte exclusiva da desordem, isentando a polícia de uma possível responsabilização por causar ou intensificar tal desordem a partir do uso de armas de menor potencial ofensivo. Portanto, o discurso midiático atua como um agente de reforço do estigma de torcedores, enquanto a atuação violenta da polícia é narrada como uma “intervenção”, uma “ação para conter”, e não como uma agressão.

Conclusão

Os dados extraídos do *Relatório Violências no Futebol Brasileiro* e do *Mapa das Violências no Futebol do Rio de Janeiro* são eficientes para esclarecer os motivos da insegurança relatada pelos alunos do período da UERJ ao frequentar os arredores da Universidade em dias de jogo. As evidências apresentadas nos produtos das pesquisas do Observatório Social do Futebol também explicam os alunos não se sentirem mais seguros com a atuação policial quando há partidas.

Os dados relatados acima demonstram que há uma relevante quantidade de ocorrências de violência policial relacionadas ao contexto futebolístico, entretanto, essas ocorrências são narradas com termos que legitimam a atuação violenta da polícia. E se a mídia tem o poder de influenciar na agenda pública, é importante que fomenta a

¹¹ <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/33321>

produção de notícias, sobretudo de matérias investigativas, nas quais seja possível lançar questionamentos à atuação das forças de segurança nos estádios. Ao adotar enquadramentos que naturalizam a violência policial e excluem questionamentos sobre a legitimidade dessas ações, os veículos de comunicação deixam de cumprir a função de questionar a atuação da Polícia Militar. A ausência de questionamento e revisão da atuação policial em relação ao futebol contribuiu para a continuidade das condutas violentas que são praticadas pela polícia contra torcedores e que se mostram pouco eficientes e até mesmo para a intensificação da violência, pois são fundamentadas no caráter reativo e punitivo. Sendo assim a sensação de insegurança relatada pelos estudantes da UERJ em relação ao policiamento tende a se manter, perpetuando um ambiente hostil que compromete o pleno acesso à Universidade.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FIORUCCI, Margareth Dalcolmo. Pesquisadora explica riscos na inalação de gás lacrimogêneo. *Informe ENSP*, Rio de Janeiro, 07 ago. 2013. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/33321>. Acesso em: 12 jun. 2025.

G1 MINAS. *Suspeitos de atos racistas, argentinos tentam invadir torcida do Atlético-MG, e polícia reage com gás e cassetetes*. G1, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/08/21/argentinos-sao-suspeitos-de-atos-racistas-e-de-agredir-policias-durante-jogo-na-arena-do-galo-video.ghtml>.

GE. *Organizada do Sport se envolve em confusão após torcedor do Atlético-MG tentar roubar faixa na Arena MRV*. GE, 30 abr. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/noticia/2024/04/30/organizada-do-sport-se-envolve-em-confusao-em-jogo-contr-o-atletico-mg-na-arena-mrv-assista.ghtml>.

GE. *Polícia é acionada para conter briga de torcedores de Flamengo e Fluminense em bairros do Rio*. GE, 23 jun. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2024/06/23/policia-e-acionada-para-conter-briga-de-torcedores-de-flamengo-e-fluminense-em-bairros-do-rio.ghtml>.

GE. *Torcedores do Nacional, do Uruguai, brigam com a Polícia no Morumbis; 21 pessoas são detidas*. GE, 22 ago. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/2024/08/22/torcedores-do-nacional-do-uruguai-brigam-com-a-policia-militar-no-morumbis.ghtml>.

GE. *Torcedores do Sport brigam no setor de visitantes do Rei Pelé, após empate com o CRB; veja vídeo*. GE, 11 set. 2024. Disponível em:

<https://ge.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/2024/09/11/torcedores-do-sport-brigam-entre-si-no-rei-pele-apos-empate-com-o-crb-veja-video.ghtml>.

GE. *Torcidas organizadas de Corinthians e Flamengo brigam em estrada e nos arredores do estádio; assista*. GE, 20 out. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2024/10/20/torcedores-de-corinthians-e-flamengo-entram-em-confronto-em-estrada-assista.ghtml>.

GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

HACKETT, Robert. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2a. ed. Lisboa: Vega, 1999

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LACERDA, Igor. *Rio, uma cidade sitiada. Narrativas jornalísticas sobre a intervenção militar (2018)*. Maringá: Viseu, 2024.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. *Mapa das violências no futebol do Rio de Janeiro – 2024*. 2024. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/2024/10/14/mapa-das-violencias-no-futebol-do-rio-de-janeiro-2024/>

OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. *Violências no futebol brasileiro: relatório do Observatório Social do Futebol – nº 1*. 2024. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/2024/11/06/violencias-no-futebol-brasileiro-relatorio-do-observatorio-social-do-futebol-no1/>.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Futebol e violência*. Campinas: Autores Associados, 2006.

SHUDSON, M. *The Power of News*. Harvard University Press, 2003

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados e Anpocs, 1996.

TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; REIS, Heloisa Baldy. *Hooliganismo e Copa de 2014*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

TUCHMAN, Gaye. Contando histórias. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

WEBER, Max. **A política como vocação**, p.57 e 58, 1919.